

Versión digital en :

<http://www.uam.es/mikel.asensio>

A área educativa enquanto prática curatorial no museu de arte contemporânea.

Raquel Sambade

Universidade do Porto.

Resumo: O Museu de Arte Contemporânea é por excelência um espaço interpretativo e relacional. Aberto, público, democrático, pretende estimular a reflexão e a discussão. Como delinear e potenciar a aprendizagem nestas instituições? Partindo de um processo de ruptura associado ao tradicional conceito de curadoria, que tende a restringir esta prática ao universo expositivo e à gestão de colecções, pretende-se questionar a exequibilidade das experiências pedagógicas no Museu de Arte Contemporânea recorrendo a teorias e práticas curatoriais. Assim, considerando a área educativa uma forma de curadoria no contexto das práticas artísticas contemporâneas - na medida em que o planeamento, o networking, a metodologia de trabalho por projecto, a delimitação de objectivos, a abordagem interpretativa, a construção de um discurso, o processo e o produto se traduzem em formas de mediar a arte face à diversidade de públicos que potencialmente dialogam com estas instituições – pretende-se apresentar a análise de determinadas metodologias, conceitos e práticas que conduziram ao surgimento do conceito de Aprendizagem Cultural Criativa (uma abordagem mais meta-cognitiva do que a sugerida pelos sistemas de educação formal) em museus de arte contemporânea de referência: Museu de Arte Contemporânea de Serralves (Porto) e Tate Modern (Londres).

Palavras-chave: Área Educativa; Curadoria; Arte Contemporânea

Abstract: *The Contemporary Art Museum establishes itself as an interpretative and relational site. Open, public and democratic, intends to stimulate thinking and discussion. How to outline and enhance learning within these cultural settings? By assuming a breaking point within the traditional concept of curatorship (usually restricted to exhibitions and collections related practices), I intend to question how are curatorial theories and practices applicable to learning experiences in the Contemporary Art Museum. Therefore, considering the learning area a curatorial approach to contemporary art practices – as planning, networking, project methodology, relational approach, concept making, process and outcome interpretation, are some of the ways to mediate art given the diversity of public that potentially dialogue with these institutions – I intend to present some methodologies, concepts and practices that led to the appearance of the Cultural Creative Learning (a more meta-cognitive approach than the one presented by the formal learning system) within acknowledge Contemporary Art Museums such as Serralves Foundation (Porto, Portugal) and Tate Modern (London, UK).*

Key-words: *Learning, Curatorship and Contemporary Art.*

A contemporaneidade traduz-se num profundo questionar do estabelecido – transversal e transdisciplinar. No universo das artes visuais os Museus de Arte Contemporânea (MAC) assumem um papel determinante neste processo de interrogação e apresentação de propostas experimentais e vanguardistas, já que se propõem constituir e expor colecções de arte contemporânea e, através de uma programação específica, sensibilizar e captar novos públicos.

Considerando os artistas e suas obras o centro destas instituições, é a partir de uma integração plena das questões expositivas, educativas e da função social, que o MAC cimeta a sua posição contributiva no processo de transformação da sociedade do século XXI onde se observa a passagem de uma economia industrial para outras cuja base é a produção de conhecimento.

A área educativa, tradicionalmente designada “serviço educativo”, pretende-se um lugar de aprendizagem não-formal, por oposição à educação formal e estruturada da responsabilidade das instituições escolares/académicas cuja base é um conjunto de valores socialmente determinados. A educação não-formal está profundamente ligada à definição de aprendizagem dada por psicólogos e educadores: mudança através da experiência. Podemos também fazer uso dos conceitos de memória declarativa e não-declarativa (ou de procedimentos) associadas à educação formal e à não-formal respectivamente. Se os sistemas de educação formal dão prioridade à memória declarativa (associada à aquisição, consolidação e evocação de factos, nomes, datas, imagens, etc.) através de rígidos processos de avaliação; por outro lado, a aprendizagem não-formal aposta na memória não-declarativa (relacionada com comportamentos e hábitos adquiridos, logo duradoura) trabalhando os mesmos mecanismos usados por todos quando concluída a educação formal, e portanto relacionados com a chamada aprendizagem ao longo da vida (Cutler, 2010).

As novas práticas levadas a cabo em alguns MAC conduziram ao surgimento do conceito de Aprendizagem Cultural Criativa, uma abordagem mais meta-cognitiva do que a sugerida pelos sistemas de educação formal. As instituições culturais não obedecem a currículos ou programas pré-definidos por terceiros alheios à própria instituição. Este factor permeia a experiência da aprendizagem pela criação de um espaço, tanto físico como intelectual, para arriscar e inovar valorizando as abordagens colaborativa e participativa.

Das dinâmicas que conduziram a significativas transformações práticas e conceptuais na área educativa dos MAC, derivam as mudanças associadas à

questão profissional. De lugar de contemplação estética, centrado em colecções específicas, o museu, e em particular o MAC, passa a assumir-se como lugar de interpretação, comunicação e produção de conhecimento (Hooper-Greenhill, 1998). Se no início do séc. XX se assiste aos primeiros fenómenos de separação de funções no museu, é na 2ª metade de mesmo século que, relativamente à área educativa, se coloca o foco na experiência do visitante, abrindo mão das abordagens tradicionais assentes no propósito redutor da transmissão de conhecimentos. A relevância que a área educativa vai assumindo enquanto mediadora entre a obra de arte e o público, inicia um processo de redefinição profissional dos seus actores (Charman, 2005).

Hoyle e John (Hoyle, E., John, P., 1995) definem três características essenciais à boa prática no contexto da área educativa dos museus de arte: conhecimento especializado, responsabilidade e autonomia. Também o ICOM, em anexo ao seu Código Deontológico, define os profissionais do museu como tendo qualificações especializadas (ou experiência profissional equivalente) em área relevante para a actividade museológica. Especificamente para a área educativa, defende o ICOM que a especialização é determinante na construção de uma identidade profissional. É neste contexto de reinterpretação e configuração identitária que, em 1998 na Tate Liverpool (Reino Unido), Toby Jackson (Head of Interpretation and Education) redefine as designações dos profissionais da área educativa daquela instituição. Assim, são abandonadas as designações de cariz burocrático e administrativo, como coordenador, e é adoptado o termo de “curador”. Foi uma escolha política no sentido de igualar o status profissional entre estes (da área educativa) e os curadores responsáveis pelas colecções e exposições, reconhecendo o conhecimento especializado dos primeiros. Etimologicamente, a palavra “curadoria” ou “curador” tem origem no grego “curare” que significa “cuidar”. Se o curador de uma exposição se centra (cuida) na obra de arte, o curador da área educativa dinamiza (cuida) a relação entre obra de arte/exposição/instituição e respectivo público. Mas o conceito de curadoria, no contexto da aprendizagem em MAC, também se prende com a definição de critérios associados às áreas de conhecimento e especialização destes curadores, como: públicos e respectivos contextos; teoria da aprendizagem e pedagogia; conhecimento teórico/académico de disciplinas específicas. Ou seja, os curadores da área educativa devem posicionar-se no MAC assegurando uma relação equilibrada de conhecimento entre público e exposição/colecção. Numa perspectiva construtivista, o público estabelece-se enquanto comunidade interpretativa, cuja construção de significados assenta no conhecimento prévio e nas suas características identitárias. Neste sentido, o papel do curador é criar camadas de interpretação adaptadas à multiplicidade

de potenciais públicos (Charman, 2005). É a permeabilidade dos pontos de contacto entre as diversas práticas e conhecimentos presentes no MAC que potencia o profissionalismo dos que ali desempenham funções específicas. Esta transmeabilidade deverá idealmente ter uma leitura no organigrama institucional. No que concerne à formação académica dos curadores da área educativa, mais uma vez a referência poderá ser a dos curadores da colecção e exposições, dada a mencionada transdisciplinaridade da prática museológica, independentemente das suas exigências específicas. Formação pós-graduada em História da Arte, Cultura Contemporânea e Museologia são frequentes.

Actualmente, em qualquer área de curadoria dos MAC, emergem os contributos muito particulares de artistas plásticos. Esta participação, especificamente na área educativa, tem-se revelado um modelo alternativo para o processo de aprendizagem cultural criativa. Transversalmente, a prática artística contemporânea caracteriza-se pela presença de certas competências nos seus actores, como sendo o questionamento activo; a observação e reflexão; o pensamento crítico e a espontaneidade. A relação com o mundo, e com o objecto de arte, traduz-se num processo experimental de questionamento conceptual. Neste sentido, o processo de aprendizagem mediado por artistas aproxima-se, invariavelmente, das suas próprias práticas e metodologias. É nesta perspectiva que a abordagem do artista enquanto educador/mediador no MAC passa a obedecer a dois objectivos concretos: disponibilizar/propor ferramentas de observação ajustadas; e potenciar estratégias de interpretação e construção de significado (Pringle, 2009). Uma vez mais, numa óptica construtivista, o artista-mediador distancia-se dos modelos de transmissão de conhecimento e, por oposição, promove uma aprendizagem experimental e de grupo que gera um conhecimento partilhado e partilhável onde ele próprio também se assume como receptor activo, dando origem a um lugar interpretativo, aberto e democrático.

A abordagem à aprendizagem assente nas práticas artísticas contemporâneas, em muito contribuiu para a introdução do conceito de “projecto” no contexto educativo dos MAC, valorizando o processo (de construção de conhecimento) em detrimento do resultado/produto (aquisição de conhecimento); e sublinhando a premência de alterar o paradigma educativo - do foco na transmissão de conhecimento para o desenvolvimento de competências, pensamento crítico e construção de significados.

A Metodologia de Trabalho por Projecto (Leite, 1991 e Victorino, S., Leite, E. 2008) ou a Aprendizagem por Projecto (conceito amplamente divulgado pelo

Processo de Bolonha) pressupõem a participação de um grupo na planificação de acções cujo propósito será dar resposta a uma questão previamente colocada. Trata-se de um complexo processo de interrogação, investigação, planeamento e gestão, que atribui aos seus actores um considerável nível de autonomia na escolha de abordagens e estratégias, potenciando e desenvolvendo características como a cooperação, comunicação, pensamento crítico e capacidade de resolução de problemas. A Aprendizagem por Projecto caracteriza-se ainda por ser uma estratégia alternativa de produção de conhecimento (assente no papel activo dos seus intervenientes), e que dinamiza a relação entre prática e teoria, apostando na abordagem “hands on”, ou seja, trabalho de campo e “brains on”, trabalho de pesquisa.

Os conceitos aqui abordados estão intrinsecamente relacionados quando se perspectiva pôr em prática nos MAC uma profunda mudança do paradigma educativo. Esta transformação acontece a vários níveis: redefinir o conceito de educação/aprendizagem (Cutler, 2010) questionando as funções dos vários profissionais da área educativa destes museus (Charman, 2005) e considerando o artista plástico como parte integrante e fundamental destas equipas (Pringle, 2009). O conceito de aprendizagem por projecto surge como a resposta de sucesso que tem materializado estas primeiras experiências de aplicação prática deste novo pensar, quer a nível nacional (Victorino, S. e Leite, E., 2008), quer no contexto internacional (Smith, R. e Wolf, S., 2009), potenciando o processo de inclusão social no/pelo MAC (Jermyn, 2004).

Referencias Bibliográficas.

CHARMAN, H. – Tate Papers, UK, Spring 2005.

CUTLER, Anna – What is to be done, Sandra? Learning in Cultural Institutions of the Twenty-First Century. Tate Papers, UK, Spring 2010

HOOPER-GREENHILL, Eilean - Los Museos y sus visitantes. Gijón: Ediciones Trea, 1998.

JERMYN, Helen - The Art of Inclusion, Arts Council, UK, 2004.

LEITE, Elvira, VICTORINO, Sofia - Serralves, Projectos com Escolas, Porto: Fundação de Serralves, 2008.

O'NEILL, Paul, WILSON, Mick – Curating and the Educational Turn. Open Editions, de Appel Arts Centre, 2010.

PRINGLE, Emily - The Artist as Educator: Examining Relationships between Art Practice and Pedagogy in the Gallery Context, Tate Papers, UK, Spring 2009

SEROTA, Nicholas- Experience or Interpretation, The Dilemma of Museums of Modern Art. London: Thames & Hudson, 2000.

SMITH, Roy e WOLF, Shelby – Looking for Change. Tate Modern, UK, 2009.